

A COLUNA *CHRONICA DA MODA* DE MARIANA COELHO: EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO FEMININA EM DEBATE (CURITIBA - 1901)

Alexandra Padilha Bueno*

lattes.cnpq.br/7151712254101700

Resumo: O presente artigo é parte de estudos realizados no campo da História da Educação, com ênfase na história intelectual, e das mulheres que se propuseram a analisar a trajetória de Mariana Coelho (1874-1954), intelectual, feminista e educadora portuguesa que chegou ao Paraná em 1893. Ela morou em Curitiba e, nessa capital, manteve-se atuante até 1940. Nesse período, além de colaborar em diversos periódicos da imprensa local, produziu e publicou seis livros. Como recorte para este artigo, optou-se por analisar a coluna mensal *Chronica da Moda*, publicada por Coelho no jornal curitibano *Diário da Tarde*. Embora a coluna tratasse de assuntos considerados femininos – naquele contexto – Mariana Coelho utilizou o espaço que lhe foi concedido para debater o feminismo, os direitos da mulher, sua condição diante da profissionalização e presença na cena pública, bem como a relevância de sua educação para ocupação desse novo espaço social. Como fontes, privilegiou-se, para uso neste artigo, as colunas que foram publicadas em 1901, visto que, nelas Coelho defendia publicamente o voto feminino e o feminismo, o que lhe colocou em um embate público com outros intelectuais paranaenses do período. Do ponto de vista teórico, o artigo aborda o conceito de intelectual de Carlos Eduardo Vieira, os conceitos de trajetória, campo e capital de Pierre Bourdieu e redes de sociabilidade de Jean-François Sirinelli.

Palavras-chave: Emancipação feminina; Educação da mulher; Intelectuais; História da Educação.

MARIANA COELHO'S COLUMN *CHRONICA DA MODA*: FEMININE EDUCATION AND EMANCIPATION UNDER DISCUSSION (CURITIBA - 1901)

Abstract: This article is part of studies conducted in the field of the History of Education with focus on intellectual history and women's history that proposed the analysis of Mariana Coelho (1874-1954), intellectual, feminist and Portu-

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR (Brasil). Contato: alexandrap.bueno@yahoo.com.br.

guese educator's trajectory, who arrived in the state of Paraná in 1893. Coelho lived in Curitiba and stayed active until the 1940s. In that period, in addition to her collaboration in many local press's journals, Coelho produced and published six books. As passage for this article, it was decided to analyze the biweekly column *Chronica da Moda*, published by Coelho in the Curitiba's newspaper *Diário da Tarde*. While the column addressed subjects considered feminists – in that context – Mariana Coelho used the space given to her to discuss feminism, women's rights, women's conditions in the face of professionalization and public presence, as well as the relevance of women's education to occupy this new social environment. Columns published in 1901 were used as references for this article, since, in those Coelho publically defended women's rights to vote and feminism, which placed her in a public debate with other intellectuals of the time. From a theoretical point of view, this article approaches Carlos Eduardo Vieira's intellectual concept, Pierre Bourdieu's trajectory, field and capital concepts, and Jean-François Sirinelli's sociability network.

Keywords: Feminine emancipation; Women's education; Intellectuals; History of Education.

* * *

Introdução

Pretende-se, no presente trabalho, analisar as publicações de Mariana Coelho (1874-1954) na coluna mensal *Chronica da Moda*, do jornal curitibano *Diário da Tarde*¹. Intelectual, feminista e educadora, Mariana Coelho era portuguesa e chegou ao Paraná em 1893, morou em Curitiba, onde manteve-se atuante até 1940, período no qual, além de colaborar em diversos periódicos da capital, produziu e publicou seis livros². Em sua trajetória, Coelho soube valer-se de

¹ O *Diário da Tarde* foi o diário de maior longevidade do Estado e, ao mesmo tempo, é considerado o primeiro a expressar os ideais do jornalismo empresarial no Paraná (VIEIRA, 2007, p. 14).

² Os livros publicados por Mariana Coelho foram: *O Paraná Mental* (1908); *Evolução do Feminismo: Subsídios para sua história* (1932); *Cambiantes* (1940); *Um brado de revolta contra morte violenta* (1934); *Linguagem* (1937); *Palestras Educativas* (1956).

amizades, de relações sociais e de parentesco para escrever e publicar na capital paranaense.

O momento no qual ela chegou a Curitiba caracterizava-se pela intensificação da vida intelectual e por tensões entre projetos que estavam em disputa no cenário público. Tal qual argumenta Bega (2001, p. 112), na virada do século XIX, Curitiba viveu o apogeu do ciclo da erva-mate que, embora tenha sido uma atividade econômica apenas regional, propiciou o suporte financeiro necessário para que a vida cultural florescesse na capital paranaense.

A pequena e acanhada Curitiba da virada do século XIX para o século XX sentiu gradativamente os efeitos das alterações ocorridas na sociedade brasileira desse período, com a mudança de regime político, a chegada de imigrantes de várias nacionalidades e a crescente urbanização.

Essa experiência se evidenciou por imagens contrastantes da cidade. Os intelectuais paranaenses empenhavam-se em divulgar uma Curitiba em processo de urbanização, que perdia, pouco a pouco, os hábitos e aspectos provincianos e ganhava ares de suntuosidade. O ambiente descrito era de urbanidade, a cidade crescia e ganhava grandes avenidas e *boulevards*, praças, *bonds* e iluminação elétrica (POMBO, 1980, p. 142). Por outro lado, a imprensa da época mostrava a cidade convivendo com ruelas lamacentas, falta de água e iluminação pública, bem como com a ausência de instituições de ensino.

O panorama estava marcado por uma atmosfera que prometia agitação, crescimento, expansão, transformação e autotransformação das coisas ao redor, mas modernização e precariedade caminhavam lado a lado. As inovações tecnológicas determinavam novas formas de comportamento e sensibilidade daqueles que participavam desse tempo, mas as promessas de mudanças vinham acompanhadas por ameaças de destruição das certezas, de ambiguidades e contradições que essas transformações provocavam. A esse conjunto de experiências de tempo e espaço, de si mesmo e de outros, de possibilidades e perigos de vida, Berman (2007, p. 21) chamou de mo-

deriedade. Para esse autor, ser moderno significava movimentar-se, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança e pelo terror da desorientação e da desintegração, pela vida que se desfazia em pedaços.

A população de Curitiba vivia, nesse período, uma intensificação das relações sociais e das trocas culturais, tanto pelo aumento de transeuntes que na época se aglomeravam nos espaços públicos quanto pela ampliação e maior circulação da imprensa local, regional e nacional³.

Nas primeiras décadas do século XX, a presença dos intelectuais na cena pública era intensa e vinha acompanhada por reivindicações em favor da modernização em todas as esferas da sociedade. A necessidade da afirmação de valores e instituições republicanos, a causa da educação para elevação cultural e material da população e a formação das elites dirigentes foram temas que marcaram profundamente o debate público e estiveram presentes em diferentes correntes e tendências culturais que produziram a atmosfera intelectual brasileira desse contexto. A causa da educação foi assumida pelos intelectuais do período como um recurso discursivo e uma estratégia política (CARVALHO, 1989, p. 61).

A imprensa, nesse contexto, passou a ter um papel cada vez mais importante: na publicação e circulação dos discursos produzidos por esses protagonistas e na produção literária, que nesse período aumentou significativamente em Curitiba, passando a contar, no início do século XX, com cerca de cinquenta periódicos de temáticas e enfoques diversificados.

Contudo, não obstante o crescimento editorial experimentado por Curitiba, ainda eram poucas as mulheres que, nesse período, escreviam. Mesmo que Mariana Coelho não fosse exceção, visto que a historiografia mostra outras mulheres que escreveram e atuaram no espaço público nessa mesma época, também não poderia ser considerada como regra. A escrita literária e a escrita ensaística, dois gêneros em que Coelho aventurou-se, ainda eram pouco visitadas por

³ De acordo com Trindade (2000, p. 62), a população de Curitiba passou de 126.722 habitantes em 1872 para 327.136 em 1900.

essas agentes sociais, pois, de acordo com Telles (2006), a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil.

Uma das premissas metodológicas adotadas por este trabalho parte da contribuição de Vieira, que destacou quatro características como sendo comuns aos intelectuais das primeiras décadas do século XX, entre os quais, inclui-se aqui Mariana Coelho. Nos diferentes projetos formativos em disputa nesse período, Vieira (2011) enfatizou que esses agentes sociais se destacaram por:

- 1) sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos dezenove e vinte, produziu a identidade social do intelectual; 2) engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou de dever social; 3) elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade; 4) assunção da centralidade do Estado como agente moderno de reforma social (p. 26).

Adotou-se, também, neste trabalho, a perspectiva de que Mariana Coelho foi uma intelectual intérprete do tempo dela, capaz de nominar e categorizar experiências que traduziam seu contexto, (BOURDIEU, 1990, p. 179), pois viveu em um contexto marcado pelas transformações que aconteciam com o nascimento e o desenvolvimento da urbe curitibana e com o crescimento sem precedentes das ciências e da tecnologia que aconteciam em âmbito mundial. Experimentou, portanto, transformações que modificaram profundamente os modos de vida e as práticas sociais da época, deixando registrados, por meio da linguagem, vestígios das mudanças que acompanhou.

A coluna “Chronica da Moda” no jornal Diário da Tarde

Em Curitiba, no início do século XX, várias mulheres cronistas escreviam em periódicos locais, principalmente versando sobre as-

suntos considerados femininos como moda, casamento e etiqueta. Cristalizando suas experiências e marcando o seu lugar social. Essa foi uma das entradas possíveis para uma população que pertencia à elite letrada, mas que ainda estava à margem da produção intelectual.

Periódicos locais como o Diário da Tarde investiram nesse tipo de produção⁴. As primeiras participações de Mariana Coelho no mundo letrado deram-se nesses meios. Ela iniciou sua vida intelectual em Curitiba escrevendo poesias e contos publicados em jornais literários e manteve uma coluna mensal publicada no periódico Diário da Tarde chamada *Chronica da Moda*⁵. A primeira crônica que encontramos da autora é datada de 1º de outubro de 1900. Contudo, a regularidade quinzenal teve início em 1º de fevereiro de 1901 e tratava, entre outros assuntos, das tendências francesas para a moda feminina da estação e de novas regras do *savoir vivre*, consideradas por ela como indispensáveis para suas leitoras:

Diz-nos um bom jornal de modas parisiense, que [...] O homem deve ser sempre o primeiro a saudar uma senhora, e ela deve sempre corresponder. Não o fará, porém, sem que ela autorize a tempo com um olhar, expressão do rosto ou um d'estes indícios fugitivos afirmando ser reconhecida.

Se, ao contrário a mulher não quer ser vista, uma impassibilidade absoluta, o vago dos olhos que não vos indicam suficientemente que não quer ser saudada.

Um homem deve saudar uma senhora a quem foi apresentado, com a qual conversou num salão, à mesa ou em alguma reunião. Se, por qualquer circunstância, principalmente se ela é fútil, ou por um importuno *malentendu*, ele deixa de o fazer, doa a quem doer a frase, este homem não é um cavalheiro (COELHO, Diário da Tarde, 01/02/1901, p. 1).

⁴ Em artigo publicado em 1º de outubro de 1900, no mesmo *Diário da Tarde*, Mariana Coelho afirmava que recebeu o convite de Celestino Junior para escrever a coluna *Chronica da Moda*.

⁵ Algumas das revistas e jornais em que Mariana Coelho colaborou com poesias, contos e crônicas foram: O Cenáculo, Almanaque Paranaense, Almanaque do Paraná, A Penna, O Sapo, O Beijo, Breviário, Folha Rósea, Olho da Rua, Fanal, A Bomba, Comércio do Paraná, Senhorita, Prata da Casa, A Sempre-viva.

Um primeiro olhar para essa fonte causa certo estranhamento, afinal, que motivos teriam levado Mariana Coelho a escrever sobre regras de etiqueta? Uma mulher que defendeu a emancipação feminina, os direitos civis e políticos das mulheres, bem como o papel essencial da educação dessas mulheres nesse processo, escrevendo sobre esse assunto? Em primeiro lugar, falar com as leitoras dela sobre moda chamava a atenção para a coluna e conquistava um público fiel.

Importa salientar que as regras de etiqueta citadas por Mariana Coelho, em sua coluna, eram uma parte importante da educação feminina. Ser mulher significava, na época, estar sujeita a regras sociais bastante rígidas do ponto de vista da aproximação com o sexo oposto. Como dizia a coluna de Mariana Coelho, essas regras exigiam que a mulher tivesse sempre uma postura contida e de distanciamento em relação aos homens.

De acordo com Maluf e Mott (1998), as mudanças de comportamento e sensibilidades que ocorreram em meio ao processo de urbanização pelo qual passava o Brasil entre a virada do século XIX e início do século XX, embora tenham tornado corriqueira a presença das mulheres nas ruas das cidades, cobrava seu preço, “[...] que a senhora soubesse conservar um ‘ar modesto e uma atitude séria, que a todos impunha o devido respeito”, caso contrário, estaria exposta à maledicência e comprometeria sua honra (p. 369).

A coluna foi, também, um espaço estratégico para que Mariana Coelho falasse às suas leitoras sobre o feminismo. No dia 1º de março de 1901, ela iniciava a coluna mencionando o sufrágio feminino e defendendo o feminismo:

Que entusiástico alvoroço, que delirante expansibilidade não terá produzido nas altas regiões feministas a aprovação francesa ao projeto que concede, finalmente, o voto à mulher? E com que desfrutável cara a receberiam os renitentes antagonistas da emancipação feminina, reconhecendo-se impotentes para deter a corrente infalível, a marcha triunfante e “assustadora” do progresso social e intelectual feminino – verdadeiro terror que

assoberba e confunde uma grande parte do sexo “forte”!
(COELHO, Diário da Tarde, 01/03/1901, p. 01).

Ela aproveitava o espaço que o jornal lhe concedeu, em uma coluna aparentemente voltada às preocupações femininas, e iniciava uma discussão sobre os direitos da mulher, os deveres diante da construção de um mundo guiado pela racionalidade e progresso. Para isso, mencionava uma notícia sobre o movimento sufragista na Europa e, a partir dela, dissertava sobre o movimento feminista e sobre a educação da mulher. Interessante notar também que embora ela fizesse referência à aprovação de um projeto que teria dado o direito de voto à mulher na França em 1901, a efetiva legalização dos direitos políticos femininos na França só seria efetivada em 1945.

Mariana Coelho defendia a ideia de que as mulheres eram excluídas da participação social em função de sua ignorância e de sua falta de instrução. A privação das mulheres quanto ao desenvolvimento de sua educação seria o motivo que as levaram à situação de submissão. De acordo com sua análise, somente a educação poderia tirá-las daquela situação e traria a desejada igualdade entre os sexos.

Sim. Mas para derrocar pela base o erro que a ingenuidade ou incompetência feminina pode ocasionar, bastará dar à sua educação um mais consciente impulso – tornando-a cada vez mais solícita e lógica, dando ao seu espírito sequioso de ilustração possível e de que ele é capaz. [...] sendo convenientemente preparada, poderá também exercer qualquer profissão, furtando-lhe d’esta ao sofrimento de inevitável martírio moral, o que os antigos preconceitos muitas vezes a obrigam (Ibid, p. 01).

Em estudo sobre o movimento feminista do século XIX, Kappeli (1991) afirma que na maioria dos países europeus as reivindicações, relativas à educação das mulheres, antecederam outras solicitações feministas (como o direito ao sufrágio e aos direitos civis) marcaram presença em muitas discussões e ações que buscavam melhorar o acesso à formação feminina. A educação mostrava-se cada vez mais indispensável à vida das mulheres que além de estarem imbuídas de um papel civilizador – pois, eram as responsáveis pela

educação das crianças –, também, começavam a compreender que o acesso à independência econômica passava pela aquisição e pelo reconhecimento de conhecimentos profissionais (p. 557).

Coelho sabia como ocupar o espaço que lhe era concedido para publicação. Embora tenha iniciado sua crônica de moda fazendo alusão ao acesso aos direitos políticos pelas mulheres, na sequência do artigo, ela muda de assunto e cita a volta dos *colletes* para próxima estação e um novo manual de etiqueta publicado na França.

Não obstante, ao defender publicamente uma postura ousada como os direitos políticos das mulheres, Mariana Coelho logo encontrou resistências e desafetos. As primeiras discussões acaloradas a esse respeito foram encontradas nas páginas do Diário da Tarde na mesma semana⁶.

Em um artigo escrito em francês e intitulado *La Femme Electeur*, Georgina Mongruel opõe-se ao artigo de Mariana Coelho, argumentando que devia chamar-se “A emancipação feminina e o direito ao voto”. No corpo do texto, Mongruel defendia o direito da mulher à educação, em tudo que é grande, belo e nobre e natural, ou seja, para que pudesse cumprir sua missão: educar corretamente sua família. Não se mostrava contrária à profissionalização da mulher, pois considerava que uma mulher poderia ser médica, visto que essa profissão tinha um valor social indiscutível. Mas, condenava o voto feminino, bem como o abandono do lar para sua participação na vida pública. Para ela, o direito ao voto tiraria da mulher seu principal direito: a maternidade e o lar e a levaria para os cafés e a praça pública para discutir política. (MONGRUEL, Diário da Tarde, 02/03/1901, p. 1).

⁶ Outras mulheres brasileiras e paranaenses defenderam o voto feminino na mesma época que Mariana Coelho, entre elas podemos destacar, no cenário nacional, Nísia Floresta. No cenário paranaense, tiveram muito destaque as ideias de Escolástica de Moraes Vellozo, esposa de Dario Vellozo. É interessante notar que embora essa discussão seja iniciada no entre séculos as primeiras iniciativas de organizações sufragistas femininas datam de 1910 e os direitos políticos só foram regulamentados em 1934.

Georgina Leonard Mongruel (1861-1952) foi uma figura importante na capital paranaense. Ela nasceu em Charleroi, Bélgica e foi educada por seu avô em Paris. Voltou para Bélgica e diplomou-se na Escola Normal Superior de Mons., Bélgica, em 1885. Veio para o Brasil em companhia do marido. Morou em São Paulo e no Rio de Janeiro e, em 1895, passou a residir em Curitiba. Nessa cidade, deu aulas de canto, piano, violino e pintura na Escola de Belas Artes. Colaborou em alguns periódicos em Bruxelas, na Bélgica, e, em Paris, no jornal *Mercure de France*. Escreveu ainda no *Diário da Tarde* e na revista *Fon Fon* no Rio de Janeiro. Participou do Centro de Letras e, também, do Instituto Néo-pitagórico (NICOLAS, 1974, v. 2, p. 319).

Embora tenha tido acesso a uma educação que a direcionou para participação no espaço público, tendo atuado profissionalmente durante toda sua vida, Georgina Mongruel mostrava-se reticente às mudanças sugeridas por Mariana Coelho. Surpreendida com a oposição de Georgina Mongruel, Coelho respondeu ao artigo dizendo que tinha sido mal-interpretada e que não entendia a resistência de uma mulher ao movimento feminista. Expondo cada ponto de sua postura diante do quadro progressivo da participação feminina na vida pública ela argumentava “[...] eu quero-a [a mulher] intelectualmente preparada e prevenida para acompanhar condignamente o progresso social – cuja veloz marcha lhe impõe tal necessidade [...]” (COELHO, *Diário da Tarde*, 04/03/1901, p. 1).

Mostrando-se convenientemente moderada, ela defendia o ponto de vista de que seu artigo sobre a emancipação feminina não advogava a favor da inversão dos papéis que a natureza indicava para cada sexo “[...] não ofereço o ridículo de entregar ao marido o cuidado de adormecer o bebê enquanto ela vai discutir política ou pleitear candidatura” (COELHO, *Diário da Tarde*, 04/03/1901, p. 1). Entretanto, afirmava que acreditava que a mulher tinha condições morais e intelectuais de acompanhar os debates políticos.

Ela acrescentava que compreendia as preocupações de Georgina Mongruel com a participação da mulher na esfera pública, discu-

tindo o voto nos cafés, ou na praça, mas afirmava que a mulher tinha por natureza um inato recato e “[...] uma tendência para uma sã moral” qualidades que poderiam conviver tranquilamente com um espírito iluminado pela educação. Censurava a postura de Mongruel no que dizia respeito à aquisição dos direitos políticos pela mulher, pois não compreendia porque ela considerava que uma mulher poderia ser médica e não eleitora. Em sua concepção, o mesmo tempo que seria roubado da mulher para exercer seu direito político, também, poderia ser subtraído por sua profissão. Em nenhum dos casos apresentados, segundo suas palavras, seria usurpado da mulher o seu “[...] atraente lugar que desde sempre lhe está marcado no lar [...]”.

A “nova mulher” anunciada por ela devia conciliar os seus diversos papéis sociais empenhando-se em dividir-se entre os direitos que lhe foram naturalmente atribuídos no espaço privado e as novas exigências de participação na vida pública. Responsável pela tarefa de proporcionar o desenvolvimento das qualidades intelectuais e morais das crianças, por meio de seus exemplos, a mulher era vista por ela como elemento indispensável para a construção do futuro da nação. Ou seja, a preocupação com a formação das mulheres, do ponto de vista de Mariana Coelho, passava também pela questão da educação das novas gerações cujo futuro estava nas mãos maternas: a educação das crianças: fossem elas mães naturais ou espirituais.

Embora tivessem divergências em relação às condições de participação da mulher na sociedade, Mariana Coelho e Georgina Mongruel concordavam que a participação de mulheres na cena pública deveria estar condicionada à preservação dos deveres domésticos de mãe, esposa e filha. Esse modelo de comportamento da mulher fez parte do ideário positivista no qual existia um incentivo para participação das mulheres na cena pública, nas esferas sociais e culturais, desde que essa mulher não entrasse em desacordo com sua vida doméstica (TRINDADE, 1996, p. 149). Nessa concepção, o sexo feminino poderia ser incluído no projeto educacional da república, pois, na formação inicial da criança eram as mulheres que iriam intervir

no trabalho intelectual, estético, nas artes e principalmente na manutenção da moral positivista.

Mongruel, que tinha uma trajetória interessante enquanto uma mulher pública, educada, culta e profissional poderia ter apoiado Mariana Coelho em sua concepção de mundo, mas isso não aconteceu. Conquanto defendessem posições distintas no que tange à participação pública das mulheres na sociedade, mais tarde, em 1903, Coelho convidou sua colega Georgina Mongruel para trabalhar como professora de pintura, no Colégio Santos Dumont.

No que se refere ao enfrentamento das duas intelectuais, em dado momento, Nestor de Castro entrou no debate argumentando a favor dos direitos das mulheres. Seu artigo era endereçado a Georgina Mongruel⁷.

Mme. Mongruel entende e sustenta que os deveres da mulher estão naturalmente abstrativos ao lar, e que qualquer ampliação dessa missão trará o aniquilamento da família.

A primeira vista, parece que a verdade sobre o assunto reside nessa afirmativa, e que toda manifestação tendente a transformar o atual estado social da mulher, se reduz a uma profanação contra mulher, se reduz a uma profanação moral e a tranquilidade doméstica.

Um plano visual, porém, mais largo em torno da tese em baila, fará compreender que a felicidade humana só será completa e duradora quando for proclamada a incondicional emancipação feminil.

⁷ Nestor Pereira de Castro (1867-1906) nasceu em Antonina. Órfão de pai e mãe foi internado aos 10 anos em um Seminário em São Paulo. No Seminário, redigiu um jornal manuscrito chamado de *O Reflexo*, em 1884 foi colaborador no jornal *O Iguapense*. Deixou o seminário e regressou a Antonina em 1886, dedicando-se, nesse período, ao comércio. Em 1887, casou-se e do casamento teve doze filhos, dos quais apenas quatro sobreviveram. Transferiu-se para Curitiba em 1887 e tornou-se jornalista profissional, trabalhou no *Dezenove de Dezembro*, na *Gazeta Paranaense*, no *Sapo*, na *Tribuna do Povo*, n' *A Notícia*, no *Diário da Tarde*, n' *A Federação*, n' *A Estrela*. Em 1902, assume a direção jornal oficial do partido dominante, *A República*. Junto a Euclides Bandeira e Romário Martins, formou a tríade virulenta e polêmica que dominava o jornalismo local (BEGA, 2001, p. 267).

Esta revolução, tão necessária ao aperfeiçoamento dos costumes, está sobretudo confinda à amplitude dos meios pedagógicos e a cultura intelectual da mulher.

E para a integração educativa do sexo feminino, que se pede às nações a aceitação das senhoras nos diferentes ramos do ensino oficial (JACQUES, Diário da Tarde, 16/03/1901, p. 1).

Assinando com o pseudônimo João Jacques, ele mostrava uma visão da emancipação feminina muito próxima a de Mariana Coelho. Educar a mulher para que ela, junto ao homem, também educado, atingisse o ideal da civilização. Visto que, na época a educação foi considerada um meio por excelência de intervenção social, ele reputava essencial educar as mulheres em consonância com as exigências do mundo moderno que evoluía rapidamente.

Mongruel escreveu um artigo em resposta a Nestor de Castro, contestando sua postura diante do papel social da mulher, pois enquanto ele defendia a profissionalização da mulher em áreas consideradas exclusivamente masculinas, ela argumentava que o envolvimento feminino com essas áreas feria a natural fragilidade feminil. Para ela não era possível que a mulher encontrasse um equilíbrio entre a profissão e o cuidado com o lar, e se esse equilíbrio não era possível era melhor que a mulher escolhesse a vida doméstica. Em sua perspectiva, não fazia nenhum sentido educar as mulheres para se ocuparem de profissões masculinas como o direito, por exemplo, pois para elas esse conhecimento iria se tornar inútil. Defendia a educação da mulher para que apurasse sua cultura, mas não em termos da ocupação de profissões tidas como masculinas, pois o tempo da mulher devia estar dedicado ao seu papel primordial na sociedade como esteio da família. Aceitava sim que a mulher exercesse profissões ligadas à filantropia ou a uma espécie de maternidade social como a medicina ou ainda o magistério. Condenava novamente o voto feminino, o que considerava uma abominação e não entendia porque as mulheres deviam perder seu tempo participando de agitações políticas (MONGRUEL, Diário da Tarde, 18/03/1901, p. 1).

Nestor de Castro voltou ao jornal para esclarecer seu ponto de vista sobre o comentário que Mongruel havia feito acerca da inutilidade de uma mulher exercer advocacia, dizia que uma mulher poderia ser uma boa advogada, desde que tivesse a formação adequada. Para confirmar sua opinião, citava o nome de Joanna Chauvin que, na época, já ocupava o lugar de lente de direito no Liceu Normal de Paris. Afirmava ainda que o voto feminino seria uma consequência natural do processo de emancipação da mulher e para que isso acontecesse bastaria que ela apurasse sua cultura intelectual de acordo com a boa doutrina feminista. Concluía utilizando a história para mostrar a algumas mulheres que, segundo seu ponto de vista, haviam contribuído para engrandecimento da nação. O que levaria ao abandono do lar pelas mulheres, segundo ele, não seria a ocupação com coisas públicas e sim o desvio de caráter (CASTRO, Diário da Tarde, 23/03/1901, p. 1).

A discussão sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho, entre Mongruel, Coelho e Nestor de Castro, acompanhava os debates públicos que ocorriam naquele período sobre a configuração de um novo lugar a ser ocupado pelas mulheres no espaço social. Em uma sociedade que passava pela experiência da urbanização, o espaço público era cada vez mais frequentado pelas mulheres e a discussão sobre sua inserção no mercado de trabalho se fazia necessária. Mulheres exercendo profissões em áreas como a enfermagem, a medicina e o magistério eram admitidas visto que as elas representavam uma espécie de maternidade espiritual e social. Esse tipo de maternidade foi amplamente difundida e defendida por intelectuais que associavam, desde o século XIX, as profissões citadas anteriormente ao humanitarismo e uma atitude filantrópica. Essas tinham, conforme mencionava Mongruel em um de seus artigos, um forte apelo de trabalho social e estimulavam a missão social das mulheres, “a missão de salvar o mundo, profundamente ancorada na tradição evangélica, toma para certas feministas a forma de uma obra civilizadora” (KAPELLI, 1991, p. 560).

A questão do voto da mulher, que era defendida por Mariana Coelho e Nestor de Castro, aponta para o lugar social ocupado por esses dois intelectuais. O voto era um meio de intervenção na ordem social, era visto como garantia de participação nas decisões da classe dirigente do país. Por isso, o voto era pensado como princípio de igualdade e como condição para realização da igualdade dos direitos na vida privada e pública. Embora o sufrágio feminino fosse apenas uma esperança de igualdade de direitos, merecê-lo, de acordo com esse pensamento, exigiria das mulheres uma melhor formação (KAPPELLI, 1991, p. 556).

A campanha de Mariana Coelho pelo sufrágio feminino, oscilando entre o feminismo igualitarista e o dualista, consubstanciou-se em uma prática que era ao mesmo tempo social e política e tinha como meta principal modificar as leis, para que se reconhecesse a mulher enquanto cidadã. A luta pelo sufrágio foi o grande carro-chefe das reivindicações de Mariana Coelho por reclamar não apenas uma condição de igualdade e cidadania para a mulher, mas também por conduzir a uma discussão sobre o próprio exercício do poder.

Nos dois artigos, Nestor de Castro apoiou a opinião de Mariana Coelho sobre os direitos políticos das mulheres e a emancipação feminina. Embora a Coelho não tenha tido apoio de Mongruel, contou com o apoio de um intelectual livre-pensador, que considerava o feminismo um assunto sério e de ordem sociológica⁸.

Em artigo de 21 de março de 1901, ele voltou à arena pública para contestar uma das questões levantadas por Mariana Coelho que, segundo ele, teria atribuído ao egoísmo masculino o atraso moral e intelectual das mulheres.

É um fato historicamente bem provado, que esse atraso vem, não do egoísmo, de quem quer que seja, mas da má orientação política dos primitivos organizadores da

⁸ Provavelmente a referência ao feminismo como sendo um assunto de ordem sociológica, menção que tanto Nestor de Castro, quanto Mariana Coelho fazem em seus textos, esteja ligada às teorias sociais que deram origem as primeiras discussões sobre a emancipação da mulher, como as que foram desenvolvidas por Fourier, por exemplo.

sociedade, e para os defeitos desta, é sabido, concorreram elementos vários, dentre as quais podemos também destacar a influência direta ou indireta da mulher. [...]

É fácil imaginar os estragos morais que mulheres causam a sociedade em que vivem. (JACQUES, Diário da Tarde, 14/03/1901, p. 1)

Concluía enfim, que o egoísmo não era marca exclusiva dos homens e que os eles não podiam ser vistos como inimigos naturais das mulheres, pois não eram eles os responsáveis pela falta de liberdade feminina.

A discussão continuou com a réplica de Mariana Coelho:

Dizer sua exa. que atribuo ao egoísmo do homem todo o atraso moral e intelectual do sexo feminino, é ceder demasiadamente à sua fecunda imaginação – que exagera bastante a tal respeito.

Sei (ora que reflexão a sua, ilustre sr. João Jacques)!... que atualmente a maioria do sexo masculino ilustrado se pronuncia francamente pela emancipação da mulher. (COELHO, Diário da Tarde, 22/03/1901, p. 1)

Em seguida, Mariana Coelho citava o exemplo da França, que, conforme tinha mencionado em seu primeiro artigo sobre o tema, era pioneira nas discussões sobre o feminismo. Ao mesmo tempo, Mariana Coelho desafiava Nestor de Castro a usar seu nome no próximo artigo, pois, em seus artigos ele tinha usado o pseudônimo João Jacques (JACQUES, Diário da Tarde, 21/03/1901, p. 1).

Nestor de Castro escreveu outro artigo em 29 de março de 1901, utilizando o mesmo título, O feminismo, no qual ele mostrava seu conhecimento sobre a história da luta feminista em todo mundo, com o objetivo de mostrar a ela que o feminismo, ao contrário do que afirmava Mariana Coelho, não havia começado na França:

Devemos também acentuar que o feminismo começou em Chicago, no grande congresso realizado em 1883 sob a presidência da Sra. Patter Palmer.

Foi dali que se propagou pela Europa a ideia emancipadora; muito antes de ir a Paris, ela já tinha difundido pela Suécia e Noruega, e tanto que, num congresso presidido pelo mestre Ibsen, o extraordinário

dramaturgo assumira a responsabilidade de escrever peças teatrais tendentes a melhorar as condições sociais da companheira do homem (COELHO, Diário da Tarde, 29/03/1901, p. 1).

Voltando à cena, Mariana Coelho escreveu *Emancipação da Mulher*, nota em que se desculpava pela forma como tinha tratado Nestor de Castro e retomava a discussão do feminismo, agora suavizando a linguagem:

Não afirmei, nem tal podia sustentar que coubesse à França toda a primazia moral do grande movimento feminista, que a maior ou menor distancia tenho acompanhado, pois que me não é totalmente estranha a atitude respectiva da América do Norte e outros povos [...]. Se nos meus modestos artigos à respeito não me expliquei suficientemente, claro que essa omissão devida simplesmente à falta de reflexão, pois que, na realidade o que eu principalmente tentava frisar era o adiantamento das ideias. Seria, efetivamente, o mais ridículo absurdo querer atingir uma concessão de tal ordem, sem o competente acesso proporcionado pela conveniente preparação da intelectualidade feminina. Uma educação completa primeiro, e depois o resto virá fatalmente, quer os obstinados oposicionistas queiram, quer não.

De resto, felicito-me (se tal felicitação não é considerada uma imodéstia) por ter suscitado na digna e ilustre imprensa curitibana, com a despreziosa “Chronica da Moda” do primeiro de Março, a discussão interessante sobre o árduo assunto da emancipação da mulher – que tão fulgurantes penas vão se desenvolvendo entre nós, e em defesa da qual com tanta fidalguia vem salientar-se o hábil contista, Nestor de Castro, meu brioso cirineo, repito. Que ora veio auxiliar-me neste difícil ângulo que se me deparou no trajeto agrodouce da espinhosa vereda da imprensa, secundado generosamente pelo ilustre pontagrossense, exm. sr. Lourenço de Souza (COELHO, Diário da Tarde, 02/04/1901, p. 1).

As discussões que Mariana Coelho e Nestor de Castro mantiveram no jornal durante quase duas semanas mostram que, embora os dois discordassem em alguns aspectos em relação à questão do feminismo, ambos eram enfáticos em afirmar que a emancipação fe-

minina seria alcançada com a evolução natural da sociedade e o preparo intelectual das mulheres.

A coluna mensal de Mariana Coelho circulou sob sua assinatura até abril de 1902. Nesse espaço, entre as novidades da moda da estação, ela voltaria a defender a emancipação da mulher por meio de sua educação. Em maio de 1902, o periódico *Diário da Tarde* passou por algumas mudanças estruturais e Mariana Coelho deixou de assinar a coluna *Chronica da Moda*. Embora nos meses seguintes do mesmo ano a coluna continuasse a ser publicada, ela passou a ser assinada por Mme. Courtois e se voltou especificamente para as questões de moda e elegância, perdendo a característica política adotada por Mariana Coelho.

Conclusões

Os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira, ocorridos nos primeiros anos do século XX, contribuíram significativamente para modificar o modo como as mulheres eram vistas na sociedade, ao menos aquelas que pertenciam aos estratos médios e altos da sociedade. Essas mudanças, no entanto, não significaram uma aceitação mais ampla de sua participação social. Para algumas delas a alteração do quadro social significou a oportunidade de demonstrar seu desejo de maior participação na cena pública. Entre suas reivindicações estavam a autonomia de pensamento, o acesso da mulher à educação e os direitos civis e políticos femininos.

A atuação de Mariana Coelho na imprensa da capital paranaense foi intensa, escreveu tanto em periódicos como em revistas, que foram utilizados por ela como instrumentos de divulgação de seus ideais que estavam em consonância com o seu contexto. No periódico *Diário da Tarde* na coluna mensal *Chronica da Moda* transformou um espaço que era dedicado à moda e à etiqueta em uma oportunidade para discutir sobre os direitos das mulheres: a participação na vida pública e a necessidade de sua educação.

Fontes:

CASTRO, N. de O feminismo. 16 de março de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 21 de março de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 29 de março de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 04 de abril de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 01 de fevereiro de 1901. *Diário da Tarde*. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 01 de março de 1901. *Diário da Tarde*. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 31 de agosto de 1901. *Diário da Tarde*. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 05 de outubro de 1901. *Diário da Tarde*. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

JACQUES, J. O feminismo. 14 de março de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. La Femme Electeur. *Diário da Tarde*. 01 de março de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. La Femme Electeur. 02 de março de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. La Femme Electeur. 05 de março de 1901. *Diário da Tarde*. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. Emancipation de La Femme. 11 de março de 1901.
JACQUES, J. O feminismo. 14 de março de 1901. *Diário da Tarde*.
10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do
Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

Referências

- BALHANA, C. A. F. *Ideias em confronto*. Curitiba: Grafipar, 1981.
- BEGA, M. T. S. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e construção de identidade regional*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2001.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOURDIEU, P. *As regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CARVALHO, M. M. C. A dívida republicana. In: *A escola e a República e outros ensaios*. São Paulo, Brasiliense. 1989.
- DENIPOTI, C. *A sedução da leitura: livros, leitores e história cultural. (Paraná 1880-1930)* Dissertação (doutorado em história). Universidade Federal do Paraná, 1998.
- KAPELLI, A. Cenas Feministas. In: Duby. G. e Perrot, M. *História das Mulheres no Ocidente*. vol. 4: O século XIX. Edições Afrontamentos: Porto, 1991.
- MALUF, M. e MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. *A história da vida privada no Brasil*. vol. 3 República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PERROT, M. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.
- _____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Paz e Terra, 1988.
- _____. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- PERROT, M. & DUBY, G. (orgs.). *As Mulheres e a História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- POMBO, J. F. R. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: José Olympio. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

- SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- _____. Entrevista com Jean-François Sirinelli. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 8, n. 1, jan/jul, 2015.
- _____. *Abrir a história: novos olhares sobre o século XX francês*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, M. A. T. *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- _____. *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)*. 1. Ed. Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007. v. 1.
- _____. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: LEITE, J. L.; ALVES, C. *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. 1 ed. Vitória: EDUFES, 2011, p. 25-54.

Recebido em 02 de janeiro de 2018.
Aprovado em 13 de março de 2018.